

LÁ PELAS OITO

ZING

JAIME PRADO GOUVEIA

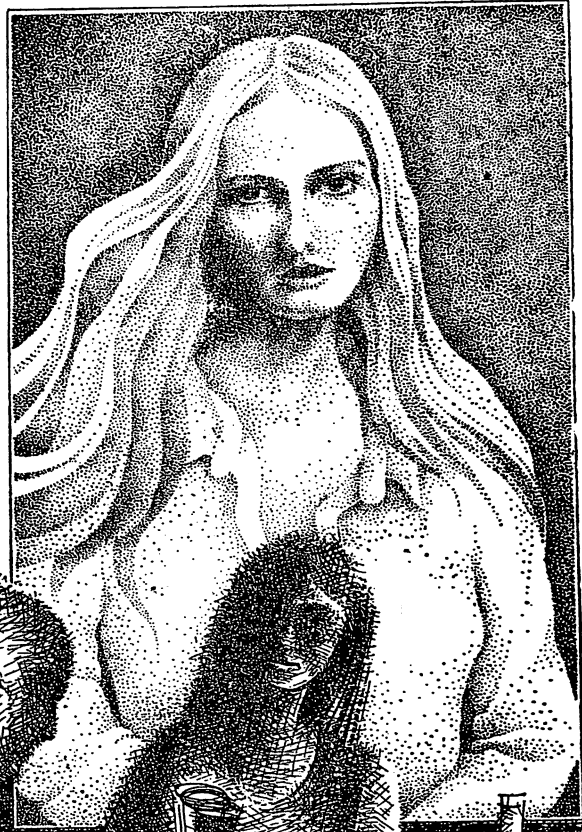
Faculdade de Direito — 4º ano

Antes de descer a rua êle passou primeiro no cartório e reconheceu as três firmas que precisava. Passou e depois pediu para usar o telefone e disse a Lúcia que logo à noite, lá pelas oito, estaria esperando por ela na mesa de fundo do Dominici. Falava com segrêdo, questão fechada que ela fôsse de qualquer maneira. Trocou o fone de mão para vigiar melhor a pasta sôbre o balcão e ouviu pela metade ela perguntando aflita o quê que era afinal. Não é nada não, sua bôba, depois eu digo. Lúcia ia continuar perguntando, e enquanto a voz se distanciava e êle desligou o telefone, teve certeza de que tudo ia muito bem. Voltou ao balcão para conferir os papéis. Ajeitou-os um por um, colocou os clips cuidadosamente. Percebeu que a funcionária não se afastara ainda, atraída pelo sorriso rapidamente nervoso que êle não segurava, como se adivinhasse. Como se pressentisse um raro sonho. Por isso êle se apressou, dobrou os papéis e fechou o dia dentro da pasta com força. Então veio descendo a rua com passos jogados, achando fácil e leve o tempo que ainda faltava. A tarde tinha ficado vermelha, os sinais de trânsito estavam bem nítidos na sombra aumentando. Nessas horas é sempre difícil encontrar um táxi desocupado e, para não se atrasar mais, êle começou a

correr por entre as ruas e esquinas cheias de gente. Deixou a pasta em casa sôbre o sofá da sala mesmo e voltou saltando degraus. Agora está ali sentado.

Um bar que está na moda. Tem luzes difíceis, enfeites espalhados por tôda parte, placas de automóvel, plásticos amarelos, uma corrente de uso indefinido pendente do teto. Da mesa do fundo êle fica olhando a parede em frente, um nicho ocasional onde colocaram um poster. Os cabelos da môça estão querendo ultrapassar as margens, relutantes, o decote bastante aberto. Tem olhos grandes, espantados de mêdo, como se nada tivessem a ver com o resto do corpo. O certo é que o lugar não dá o ambiente que êle queria. Muita gente conversando, música alto demais. Lúcia forçosamente vai ficar desatenta e com êsse povo todo fumando isso aqui logo vai ficar abafado. Até a espuma do chope desce devagar. De frente para a parede, o retrato às vêzes olha para êle com olhos tristes, cruzam a impressão de que o lugar está errado, como numa inversão das músicas e das conversas. Entendem perfeitamente. Por isso êle a olha com calma. Porque já são duas pessoas que não precisam falar.

Lúcia, de blusa branca, prefere tomar um coquetel mais fraco. Ela passa os dedos na toalha, no cinzeiro, depois joga a cabeça para trás e acha a decoração espetacular. Eles devem ter uma discoteca genial. Os olhos do retrato, a môça parcialmente coberta por Lúcia. Quando ela chegou êle custou a notar. Só quando pôs a bôlsa sôbre a mesa e lhe deu um tapinha na cabeça foi que desviou os olhos do poster. Um beijo impessoal. E ela começa a dizer como está cheio aqui dentro, a noite linda que está fazendo, a conversa de todos ali entre êles. As mãos com pontas de esmalte brilham com essa luz, sem parar, de costas para a parede, os olhos do retrato levemente descendo até os cabelos dela. Como faces sobrepostas, uma de cada mundo, se interrompendo. Ela pergunta, roda o gelinho do coquetel, afinal, o que foi que aconteceu? Reluta em responder. O ambiente não está como imaginava e êle queria falar tudo direitinho, com cuidado, com perfeita definição. Tinha pensado em várias maneiras de começar, escolhido



Copyright © 1970

as palavras, mas agora está meio desanimado e chega a duvidar um pouco de que ela esteja preparada para entendê-lo com tanta excitação em volta. Confirma a impressão de que o lugar está errado, barulho demais. Ainda assim tenta desesperadamente retomar a serenidade, mas vacila sempre, intimidado pelos quatro olhos esperando por êle.

A noite feita aos poucos, dois ou três copos de chope. Lúcia é boa companhia, faz com perfeição os gestos precisos, sabe manter um nível de assunto sérios e interessantes. Êle vai contando que as coisas correm normalmente e há uma possibilidade de conseguir melhorar bem. Conta que o escritório, depois de reformado, começa a render lucros maiores, que é tudo questão de tempo e método, a gente aprende sempre. Duas pessoas adultas. Lúcia, por vêzes, pára numa felicidade tranqüila, seus olhos voam alto. Êle não pode deixar de reparar, segura suas mãos sôbre a mesa. O rosto imóvel da môça tem uma luz que bate de lado, avermelhada, os cabelos escorrem atrás de espaço e de repente um corte, parede. Os olhos de papel não podem querer falar com êle. Sabe que está inventando, era pôse de estúdio. Mas é um retrato pálido, prêto-e-branco, mantém um desamparo sôlto, resignado. E o decote descontraído, a bôca contendo uma frase pelo meio, êle reptendo mentalmente os possíveis gestos dela, a continuação daquele movimento. Podia ser americana, inglêsa, francesa. Ter pernas finas ou musculosas como essas mulheres estrangeiras. Lúcia ali na frente está bem quieta, pensando suas coisas. Veio para se encontrar com êle, bebe com êle, quer ficar com êle. Estará ali enquanto êle quiser, palpável e segura, esperando. Mas o retrato vai se alargando, criando um pêso insustentável entre os dois, e por isso mudam de assunto atropeladamente, não querendo mais ouvir os barulhos e o silêncio que teimam em separá-los.

As mãos de Lúcia ocupam o centro da mesa. Mantém o filtro do cigarro entre os dedos. Tenta deixar nêle sua inicial fincando o L duas vêzes com a unha e se inclina para frente, seus cabelos caem sôbre o rosto. O poster aparece quase inteiro. Não dá para ver os braços da môça, pouco mais que

os ombros, a blusa solta se alargando até bater na parede. Lúcia quer saber afinal o que é que está acontecendo, se êles vieram para ficar ali calados. Começa a dizer que esta noite ela teria de ir a uma reunião com as amigas e quando êle telefonou estava pronta para sair. Mas não vai mais. Quer conversar e escolhe as palavras mais delicadas, se defendendo do silêncio que a incomoda cada vez que procura os olhos dêle e não os encontra, sempre desatentos num ponto qualquer acima de sua cabeça. Êle olha muito longe, como se estivesse o tempo todo sòzinho, em outra dimensão. Por isso Lúcia não o alcança e fica adivinhando tôdas as possíveis explicações. Ela sente a noite se escoando, aquêle rosto que não a enxerga, que está congestionado, contendo com intensidade um momento muito importante. E ela não toma parte nêle.

As mãos correndo na luz vermelha, abrindo o decote, êle cerra os dentes e a testa brilha de suor. Depois fecha-o lentamente, com respeito, encosta a cabeça nos olhos dela feito menino arrependido. A bôca sustenta uma frase pelo meio, um grito, talvez. Você não tinha uma coisa pra me falar? Tinha o quê? Uma coisa, fêz tanto segrêdo no telefone que eu pensei até que... Podia muito bem ser uma frase bôba, podia estar perguntando ao fotógrafo se estava em boa posição. Ê só espalhar um pouco mais os cabelos, assim, abre a blusa mais um pouco. Um silêncio vazio enquanto espera. Êle vai para trás da máquina, faz uns trejeitos demorados. A bôca segura o silêncio pelo meio. Isso, ela não podia estar falando! O fotógrafo levanta a cabeça e diz que acabou. Depois vem até perto, pede para esperar mais um pouquinho. Hoje nós vamos ao Dominici, é um barzinho nôvo que êles abriram. Em outro país, talvez. Seguramente. A môça que êle achou bonita na rua e perguntou se queria ser modelo. Porque seus olhos não combinavam com o resto do corpo, faziam um mistério eficiente, estético. Tinha uma coisa para falar e Lúcia está querendo saber. Mais um chope?

O rosto de Lúcia fica meio pendido, o cinzeiro cheio entre os dois. Puxa a bôlsa para perto e diz que precisa ir embora. Êle concorda com a cabeça mas não se move. Apenas toca a

beirada do copo e sente que a espuma ainda não desceu. Bebe devagar. O poster agora vai até a parte inferior da parede, até o cinto de couro e a fivela que é tôda trabalhada e realça como um grande escudo, uma coisa meio medieval, parece. E ali um único botão segura a blusa que vai abrindo até em cima e some debaixo dos cabelos, a bôca entreaberta e os olhos que não querem dizer nada claramente. Ela ocupa os quatro cantos do nicho, vem explodindo sôbre a mesa, entra no cinzeiro, no copo, sobe pelo braço e vai envolvendo-o pelo pescoço. Êle fecha os olhos. Pode alcançá-la agora, é só estender a mão, estender bem. A mão avançando dentro do escuro. Bate numa coisa e faz barulho de copo quebrando. Até que encontra, os dedos avermelhados pela luz, no lado do rosto, sem pressa, mas sentindo que toca uma pele áspera, reta, como se fôsse de papel. Abre os olhos, os outros estão reparando. Recua na cadeira e salta para trás tentando espantar com um tapa o chope derramado na roupa.

Joga o lenço na cesta e hesita se deve ou não sair imediatamente do toalete. Agora é esperar um pouco que com êsse calor vai secar logo. Encosta a porta e passa o pente no cabelo. Lúcia foi embora sòzinha, faz uns quinze minutos. Mas isso não é problema. Amanhã, sem telefonar nem nada, êle irá à casa dela. E desculpar que estava muito cansado, tinha andado o dia todo para arrumar aquêles papéis, indo a cartórios, e o sol estava de lascar. Não cobraram o copo quebrado, delicadeza da casa. Sôbre a cabeça do caixa um cowboy equilibra o tóco do cigarro no canto da bôca, barbado e sujo. Um revólver de papel, que não mata ninguém. As pessoas continuam rindo e contando coisas. Empurra a porta, a noite está começando a esfriar. E é um frio que vem descendo a rua bobamente, contornando os sinais de trânsito, as esquinas, a escuridão que êle logo reconhece. Como se estivesse pregada ali há muitos anos.